

O sistema literário no Século XX

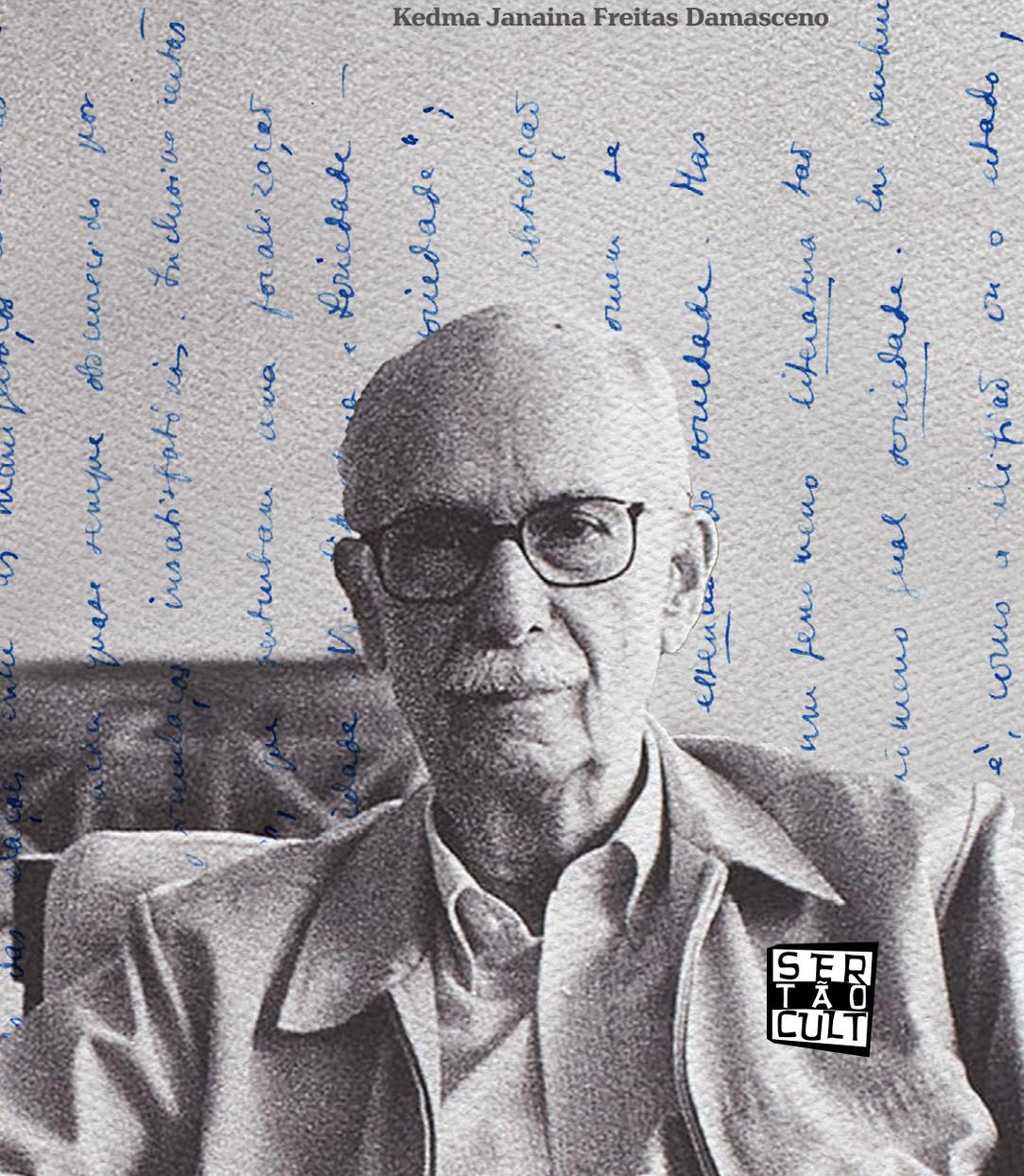
de Lima a Carolina

Organizadoras

Ana Amélia de Moura Cavalcante de Melo

Irenísia Torres de Oliveira

Kedma Janaina Freitas Damasceno



SER
TÃO
CULT



insabir.

ubam una paralizozes

Vj: Etkubwa + Soviebade -

que "no + toriebade";

se abtracas,

de

lo por

no ientros

a

1950

1950

O sistema literário no Século XX

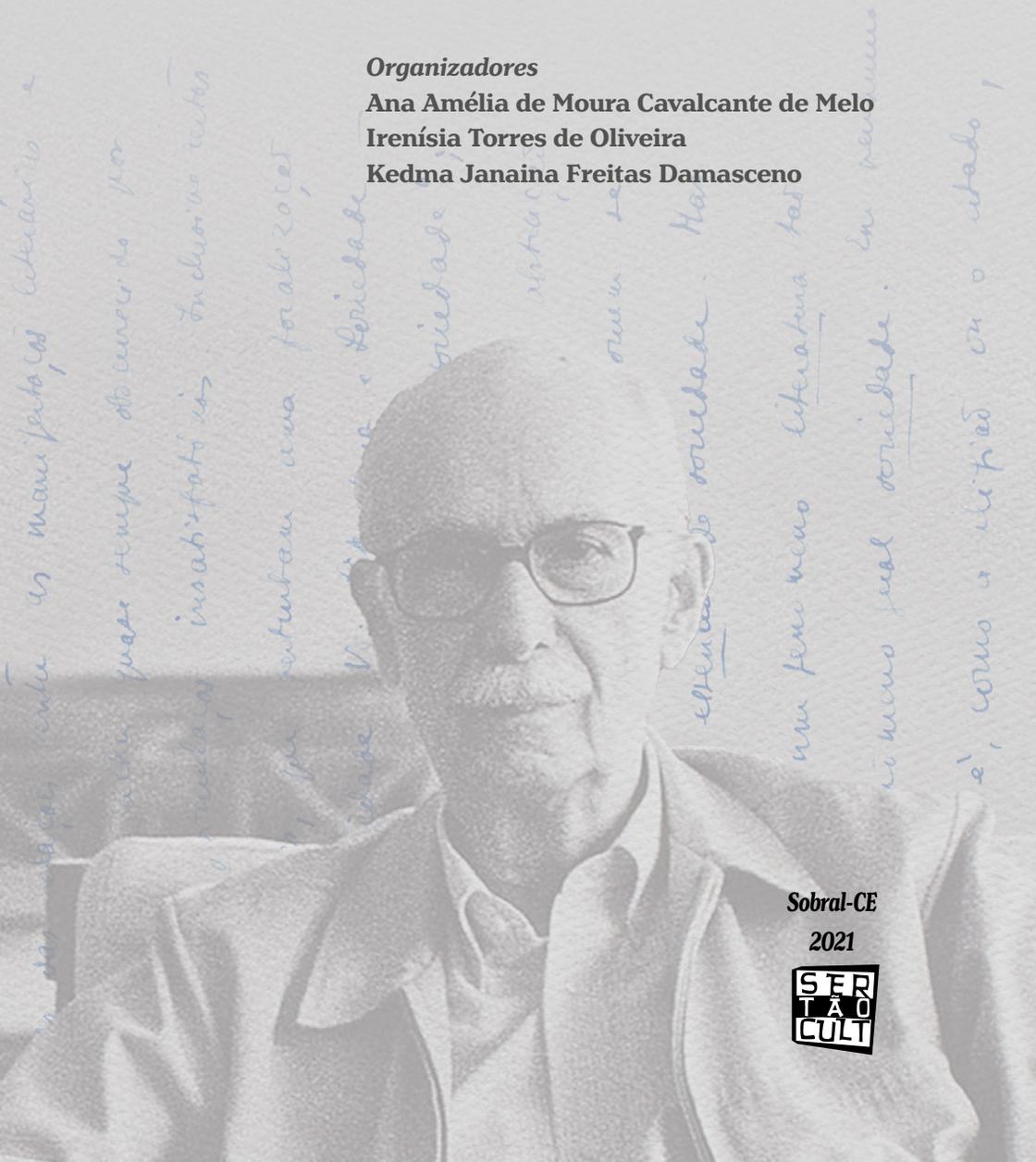
de Lima a Carolina

Organizadores

Ana Amélia de Moura Cavalcante de Melo

Irenísia Torres de Oliveira

Kedma Janaina Freitas Damasceno



Sobral-CE

2021





Gilda de Mello e Sousa e Antonio Candido
em fotografia de Bob Wolferson

O sistema literário no Século XX: de Lima a Carolina

© 2021 copyright by Ana Amélia de Moura Cavalcante de Melo, Irenísia Torres de Oliveira, Kedma Janaina Freitas Damasceno (ORGs.)

Impresso no Brasil/Printed in Brasil



Rua Maria da Conceição P. de Azevedo, 1138
Renato Parente - Sobral - CE
(88) 3614.8748 / Celular (88) 9 9784.2222
contato@editorasertaoacult.com
sertaoacult@gmail.com
www.editorasertaoacult.com

Coordenação Editorial e Projeto Gráfico

Marco Antonio Machado

Coordenação do Conselho Editorial

Antonio Jerfson Lins de Freitas

Conselho Editorial de História

Andréia Rodrigues de Andrade
Antonio Iramar Miranda Barros
Camila Teixeira Amaral
Carlos Augusto Pereira dos Santos
Cícero João da Costa Filho
Francisco Dênis Melo
Geranilde Costa e Silva
Gilberto Gilvan Souza Oliveira
João Batista Teófilo Silva
Juliana Magalhães Linhares
Raimundo Alves de Araújo
Regina Celi Fonseca Raick
Telma Bessa Sales
Tito Barros Leal de Pontes Medeiros
Valéria Aparecida Alves

Revisão

Danilo Ribeiro Barahuna

Diagramação

Francisco Taliba

Capa

Tarcísio Bezerra Martins Filho

Fotografias: montagem a partir de fotos de Antonio Candido (Bob Wolfenson), Lima Barreto (autoria desconhecida, 1910) e Carolina de Jesus (autoria desconhecida, compõe o acervo de Audálio Dantas)

Catálogo

Leolgh Lima da Silva - CRB3/967

S623 O sistema literário no Século XX: de Lima a Carolina. / Ana Amélia de Moura Cavalcante de Melo etc.(Organizadores). – Sobral, CE: Sertão Cult,2021.

258p.

ISBN: 978-85-67960-68-5 - papel
ISBN: 978-85-67960-67-8 - e-book - pdf
Doi: 10.35260/67960678-2021

1. História. 2. Literatura. 3. Literatura brasileira. I. Melo, Ana Amélia de Moura Cavalcante de. II. Oliveira, Irenísia Torres de. III. Damasceno, Kedma Janaina Freitas. IV. Título.

CDD 869.1



Este e-book está licenciado por Creative Commons

Atribuição-Não-Comercial-Sem Derivadas 4.0 Internacional

Sumário

DOI: 10.35260/67960678p.7-28.2021

UMA LIÇÃO DE RESISTÊNCIA QUANDO UM LIVRO NASCE! Apresentação dedicada à memória de Andressa Barbosa de Almeida 7

Adelaide Gonçalves

DOI: 10.35260/67960678p.29-62.2021

LIMA BARRETO E O SISTEMA LITERÁRIO NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX..... 29

Irenísia Torres de Oliveira (UFC)

DOI: 10.35260/67960678p.63-73.2021

EVOLUÇÃO E FORMAÇÃO DAS LITERATURAS LOCAIS 63

Rodrigo de Albuquerque Marques

DOI: 10.35260/67960678p.75-92.2021

VISTO POR DENTRO: UMA ANÁLISE DAS EDIÇÕES DE FORMAÇÃO DA LITERATURA BRASILEIRA A PARTIR DE SEUS PREFÁCIOS..... 75

Rafaela Gomes Lima

DOI: 10.35260/67960678p.93-112.2021

FORMAÇÃO DA LITERATURA BRASILEIRA E SUA COMPREENSÃO SOBRE O REGIONALISMO 93

Nabupolasar Alves Feitosa

DOI: 10.35260/67960678p.113-144.2021

O LUGAR DO ROMANCE DE 30 NA LITERATURA BRASILEIRA 113

José Wellington Dias Soares

DOI: 10.35260/67960678p.145-170.2021

O MOVIMENTO MODERNISTA NO RIO GRANDE DO SUL: SUAS CARACTERÍSTICAS E ESPECIFICIDADES 145

Ricardo Rodrigues Miranda

Irenísia Torres de Oliveira

DOI: 10.35260/67960678p.171-199.2021

AS REVISTAS NO SISTEMA LITERÁRIO: APONTAMENTOS SOBRE A REVISTA LITERATURA (1946-1948)..... 171

Ana Amélia de Moura Cavalcante de Melo

DOI: 10.35260/67960678p.201-207.2021

**UMA REFLEXÃO SOBRE O LUGAR DA LITERATURA POPULAR
NA HISTORIOGRAFIA LOCAL E NACIONAL..... 201**

Marcus Sales

DOI: 10.35260/67960678p.209-231.2021

O CONCRETISMO E O SISTEMA LITERÁRIO BRASILEIRO 209

Kedma Janaina Freitas Damasceno

DOI: 10.35260/67960678p.233-252.2021

**CAROLINA E O SISTEMA LITERÁRIO BRASILEIRO:
NOTAS SOBRE CLASSE E EXCLUSÃO 233**

Emanuel Régis Gomes Gonçalves

SOBRE AS ORGANIZADORAS..... 253

SOBRE OS AUTORES 255



VISTO POR DENTRO: UMA ANÁLISE DAS EDIÇÕES DE FORMAÇÃO DA LITERATURA BRASILEIRA A PARTIR DE SEUS PREFÁCIOS

Rafaela Gomes Lima

O contexto da produção

*H*á obras que permanecem e se tornam marcos da produção intelectual de um país, que adquirem uma existência quase canônica. Obras que representam todo um pensamento de uma época e, com o passar do tempo, não são apenas importantes o objeto ou as questões nelas estudadas, mas elas mesmas passam a ser o foco dos estudos, ganha ênfase a sua produção, o campo no qual seu autor estava inserido, as condições históricas do período que fizeram com que fosse produzida da maneira que foi.

No Brasil, muitos livros adquiriram status de obras canônicas em diversas áreas do conhecimento. Podem ser citados no contexto das ciências humanas e sociais títulos como *Casa Grande e Senzala* (1933), de Gilberto Freyre, *Raízes do Brasil* (1936), de Sérgio Buarque de Holanda ou a *Formação do Brasil Contemporâneo* (1942), de Caio Prado Jr., todas elas escritas com o intuito de esclarecer ou compreender de que forma o país foi estruturado, tendo em vista suas raízes históricas, políticas, econômicas e sociais. Foi também com o propósito de compreender os principais aspectos que propiciaram o estabelecimento de uma literatura de caráter nacional no Brasil que Antonio Candido escreveu uma obra que, por sua vez, tornou-se marco para estudos de literatura e crítica literária. Sua *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos* foi e é fundamental não só pela grandiosidade do estudo para o desenvolvimento do conceito de sistema literário, mas pela abordagem e metodologia utilizadas para tal estudo que vêm sendo objeto de análises desde sua publicação.

Não seria exagero afirmar que nenhuma outra obra do gênero alcançou um patamar tão alto com respeito à definição precisa do objeto, ao estudo minucioso das obras particulares, tudo isso aliado a um conhecimento sólido e cuidadosamente meditado da bibliografia internacional. Enfim, um feito que prontamente fez de *Formação* uma referência na matéria, um clássico de nascença, para usar uma formulação que o próprio Candido atribuiu aos demiurgos do pensamento social brasileiro, isto é, Caio Prado Júnior, Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda (ALVES, 2011, p. 89).

Esse significado adquirido pela obra advém da consistência nos estudos realizados por Candido em um momento de consolidação dos estudos universitários brasileiros. Seu estudo foi publicado no final da década de 1950, um período de efervescência no campo intelectual quando se buscava elaborar um novo projeto de país. A

época foi marcada por uma mudança nas formas de pensar o avanço e o crescimento nacionais.

Observou-se uma transição entre o modelo nacionalista defendido por Vargas, que se centrava na proteção dos bens e da economia nacional e visava um crescimento a partir de dentro, fortalecendo a indústria nacional com controle do Estado e a visão desenvolvimentista defendida por Juscelino Kubitscheck, cujo maior símbolo foi o Plano de Metas. Esse modelo incentivava o crescimento econômico e industrial por meio de uma articulação entre capital estatal e privado, este último de origem majoritariamente estrangeira. O relativo sucesso do Plano de Metas criou um ambiente de grande otimismo repercutido em vários setores da sociedade da época (FAUSTO, 2018).

Um desses setores foi o dos representantes da intelectualidade brasileira, que se constituía de forma mais autônoma em relação ao poder a partir desses anos 1950, havendo maior apoio à produção de conhecimento e surgindo instituições que tinham por objetivo apoiar a cultura e as ciências (CUNHA, 2016). Dentre essas instituições, a que mais se destacou foi o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), fundado em julho de 1955, ou seja, acompanhando o início do projeto desenvolvimentista.

O Instituto tinha como objetivo incentivar e divulgar as ações educacionais e científicas nas áreas das ciências humanas e sociais, principalmente da História, Sociologia, Filosofia e Economia, bem como objetivava que os dados obtidos nos estudos servissem de base para ações de análise e contribuíssem para o desenvolvimento do país diante de sua compreensão crítica. O grupo era composto por economistas, filósofos, cientistas sociais e historiadores, e entre os membros podem ser citados Nelson Werneck Sodré, Hélio Jaguaribe e Álvaro Vieira Pinto e Cândido de Almeida (PRADO, 2008).

O ISEB desempenhou papel fundamental no cenário político e intelectual brasileiro no período de 1955 até 1964 (momento em que foi fechado pelo governo ditatorial implantado em 31 de março). Através de cursos, debates e publicações o conjunto de intelectuais isebianos elaborou diagnósticos, análises e interpretações da realidade política, econômica, social e cultural brasileira que serviram para o embasamento de políticas públicas. Ao mesmo tempo esses textos construíram um capítulo fundamental da história das ideias no Brasil (PRADO, *Op. cit.*, p. 23).

Observa-se, então, a preocupação da camada intelectual em participar, por meio da orientação teórica, do processo de desenvolvimento nacional. Suas contribuições podem ou não ser compradas pelos que estão no poder, os interesses da classe política podem ser divergentes e, embora haja questões ideológicas que possam atrelar uns aos outros, mantém-se forte a ideia dos intelectuais como camada autônoma.¹ No Brasil da década de 1950, esse grupo, influenciado pela onda de crescimento que sugeria uma transformação real alavancada pelo progresso, voltou seu pensamento e trabalho para a elaboração de projeto de suporte de saber para o avanço material.

Antonio Candido fazia parte da classe intelectual brasileira do período. Desde a década de 1930, ainda como estudante secundarista, passa a se interessar pelas questões nacionais e durante o Estado Novo foi militante ativo contra Vargas. Na década de 1940, inicia a atividade de escrita, colaborando na Revista *Clima*. Nesse período também foi atuante como militante da esquerda, como o

1 Segundo Gramsci, “intelectuais tradicionais sentem com ‘espírito de grupo’ sua ininterrupta continuidade histórica e sua ‘qualificação’, eles consideram a si mesmos como sendo autônomos e independentes do grupo social dominante. Esta auto colocação não deixa de ter consequências de grande importância no campo ideológico e político: toda a filosofia idealista pode ser facilmente relacionada com esta posição assumida pelo complexo social dos intelectuais e pode ser definida como a expressão desta utopia social segundo a qual os intelectuais acreditam ser ‘independentes’, autônomos, revestidos de características próprias, etc.” (GRAMSCI, 1982, p. 6).

foi por toda a vida. Esse aspecto foi importante na construção não só da *Formação*, como de outra obra, lançada quase que concomitantemente, *Os parceiros do Rio Bonito*, no qual Candido faz um estudo do caipira paulista visando propor uma ideia de formação social brasileira. Era um intelectual engajado e não compreendia o professor como um sujeito não atuante na sociedade, que não se indigna com a opressão e que se mantém como numa torre de marfim universitária (OLIVEIRA, 2018).

Nos anos de trabalho para a construção de *Formação da Literatura Brasileira*, Candido foi professor na Universidade de São Paulo, logo, integrava uma intensa rede de sociabilidades (SIRINELLI, 2003), formada mesmo antes do início de sua atividade docente, contando com nomes como Sérgio Buarque de Holanda, Décio de Almeida Prado, Décio Pignatari, Paulo Emílio Salles Gomes e Roberto Schwarz. Todos esses nomes foram importantes na sua trajetória intelectual, inclusive atuando como colaboradores em suas obras, seja como revisores ou apenas como leitores atentos.

Este livro foi preparado e redigido entre 1945 e 1951. Uma vez pronto, ou quase, e submetido à leitura dos meus amigos Décio de Almeida Prado, Sérgio Buarque de Holanda e, parcialmente, outros, foi, apesar de bem recebido por eles, posto de lado alguns anos e retomado em 1955, para uma revisão terminada em 1956, quanto ao primeiro volume, e 1957, quanto ao segundo (CANDIDO, 2000, p. 10).

O trecho acima reafirma a conhecida relação entre os autores dentro do campo (BOURDIEU, 1996), a busca de um comentário, de uma correção e mesmo do reconhecimento do trabalho entre os pares. As relações e embates presentes no campo passam a influenciar inclusive os trabalhos a serem realizados, as produções de seus membros, pois:

[...] Os próprios autores são leitores. Lendo e se associando a outros leitores e escritores, eles formam noções de gênero e estilo, além de uma ideia geral do empreendimento literário, que afetam seus textos, quer estejam escrevendo sonetos shakespearianos ou instruções para montar um *kit* de rádio (DARNTON, 2010, p. 125).

Diante dessas questões envolvendo campo, redes de sociabilidade entre autores e produção de conhecimento, compreende-se a importância de analisar alguns dos paratextos presentes em *Formação da Literatura Brasileira* no intuito de perceber aspectos relacionados a essas questões, bem como aqueles ligados à produção em si da obra, sobretudo no que tange à edição da mesma.

Formação da Literatura Brasileira: um estudo dos paratextos

Um dos pontos mais comentados, discutidos e analisados dessa obra magna de Antonio Candido é sua introdução, a qual o próprio autor adverte que pode ser deixada de lado. No entanto, foram escritos três prefácios pelo autor: o da 1ª edição, escrito em 1957 quando da conclusão da revisão do segundo volume; a 2ª edição tem prefácio datado de 1962; e o último, mais curto, consta na sexta edição, já passadas algumas décadas da primeira publicação, datado de 1981.

A escolha pelo estudo dos prefácios se deu na tentativa de estabelecer um novo olhar acerca da *Formação* diferente daquele baseado na análise do conteúdo da obra ou da metodologia utilizada pelo autor para a construção de seu estudo. Pretende-se observar a visão que Candido tinha sobre sua obra e de que forma recebeu e se relacionou com as críticas positivas e negativas feitas ao seu trabalho. Um livro possui, para o pesquisador da História e da Literatura, muito mais informações que aquelas contidas no texto principal. Nesse

sentido, cabe ao estudo de uma obra, sobretudo no que concerne à sua produção e recepção, a utilização do conceito de paratextos editoriais, concebida por Gerard Genette.

[...] título, subtítulo, intertítulos, prefácios, posfácios, advertências, prólogos, etc.; notas marginais, de rodapé, de fim de texto; epígrafes; ilustrações; errata, orelha, capa, e tantos outros tipos de sinais acessórios, autógrafos ou alógrafos, que fornecem ao texto um aparato (variável) e por vezes um comentário, oficial ou oficioso, do qual o leitor, o mais purista e o menos vocacionado à erudição externa, nem sempre pode dispor tão facilmente como desejaria e pretende (GENETTE, 2006, p. 9-10).

Assim, os prefácios não são simples acessórios editoriais, são ricas fontes de informações não só acerca da própria obra, mas de todo um conjunto de elementos que a circundam, apresentam amostras da relação do autor com seu escrito, com seus editores, com os demais membros de seu campo e até mesmo com os leitores, seus pares ou não.

O prefácio da primeira edição (1957) é o mais longo, por motivos óbvios. No decurso de pouco menos que cinco páginas, o autor faz a apresentação geral da obra, apresentando, em um primeiro momento, as características da literatura brasileira no que diz respeito às suas origens e sua posição diante das grandes literaturas nacionais, que soa como se estivesse preparando o leitor para o que vai encontrar no texto, ou seja, para que não se espere a escrita acerca de um aparecimento glorioso de uma literatura pátria tendo em vista esta ser “pobre e fraca”, “galho secundário da portuguesa”. Dessa forma, ele estabelece uma hierarquia entre as diversas produções literárias nacionais.

Há literaturas de que um homem não precisa sair para receber cultura e enriquecer a sensibilidade; outras, que só podem ocupar uma parte da sua vida de leitor, sob pena de lhe restringirem irremediavelmente o horizonte. Assim, podemos imaginar um francês, um italiano, um inglês, um alemão, mesmo um russo e um espanhol, que só conheçam os autores da sua terra e, não obstante, encontrem neles o suficiente para elaborar a visão das coisas, experimentando as mais altas emoções literárias (CANDIDO, *Op. cit.*, p. 9).

Mesmo afirmando que os brasileiros, ao contrário das nacionalidades citadas no trecho, não podem depender exclusivamente da leitura de autores locais para construir seu gosto literário e visão de mundo, há a simpatia pelas letras brasileiras e pelo que elas representam, e que, apesar de todas as deficiências, devem ser amadas para ter sua mensagem compreendida, pois “ninguém o fará por nós”. Após esse prelúdio acerca do tamanho da literatura brasileira diante das demais, abre-se o espaço de comentário sobre a obra, na qual são feitas algumas considerações técnicas como a localização das notas, referências e traduções de citações estrangeiras.

Nesse ponto, há algo que chama a atenção no que diz respeito ao tipo de público ao qual a obra se destina. Ao se referir às citações de autores estrangeiros, Candido opta por fazê-las no idioma original (no caso dos poemas, pois os trechos em prosa são citados já traduzidos para o português), porém traduzindo em notas apenas os trechos em inglês e os latinos. No caso de citações em castelhano, italiano e francês, optou por não disponibilizar a tradução por serem línguas “acessíveis ao leitor médio”, ou seja, o público da *Formação* era o universitário, seja professor ou aluno que, como é sabido, naquele período se configurava como o membro de família de classe abastada, com acesso a um nível de instrução elevado, ou os próprios intelectuais do período.

Não está se afirmando aqui que o autor não escrevia para todos, que delimitava o público de seus livros propositalmente, pois uma de suas marcas como intelectual engajado era a luta pela democratização da leitura e da literatura. No entanto, havia a consciência sobre o público leitor e acadêmico de sua época, conforme afirma Barthes. “Para o escritor, não se trata de escolher o grupo social para que escreve: ele sabe perfeitamente que, a menos que se conte com uma Revolução, será sempre a mesma sociedade. Sua escolha é uma escolha de consciência e não de eficácia.” (1986, p. 125). Portanto, seu conhecimento profundo da realidade brasileira o deixava consciente do público que teria acesso a sua obra que, com o passar dos anos, foi sendo ampliado devido, sobretudo, ao aumento das possibilidades de acesso à educação e ao nível superior, o que fez aumentar também os debates em torno do livro.

A maioria das questões envolvendo o trabalho realizado na *Formação* se situa em torno do método utilizado para realizá-lo. Para tanto, Candido utiliza, como fontes para compor seu estudo, basicamente os textos dos autores que foram analisados. Poucos foram os outros documentos consultados como fontes de informação secundária, pois, segundo ele, “[...] o intuito não foi a erudição, mas a interpretação, visando o juízo crítico, fundado sobretudo no gosto. Sempre me achei habilitado a isto, desinteressei-me de qualquer leitura ou pesquisa ulterior” (CANDIDO, *Op. cit.*, p. 10).

Embora afirme não ser seu intuito apresentar grande erudição no seu trabalho, esta é sensivelmente visível aos leitores. A quantidade de autores e obras nacionais e estrangeiras citadas no texto confirmam a imensa bagagem cultural e intelectual deste autor que, desde a infância, demonstrava o interesse pelos estudos literários e, portanto, se vê no direito mercedamente conquistado de fundar suas escolhas “no gosto”. E isso também é percebido quando se

depara na leitura com termos como “mediocre” ou “pobre”, utilizados para caracterizar este ou aquele autor. No entanto, esses juízos apenas exprimem a exímia crítica realizada e a clareza na escolha dos autores a serem analisados. Mesmo estando atento aos tradicionais e novos pressupostos teóricos em voga em sua época, Candido decidiu seguir à sua maneira e realizar um trabalho de acordo com seu pensamento.

Formação se impôs como uma alternativa ao formalismo e ao determinismo, marcantes naquela quadra, optando por historiar as obras no tempo, sem se descuidar da meditação cerrada sobre a forma literária, lançando mão dos recursos de técnica literária disponíveis em seu tempo, nos quais ele se encarregava de proceder aos ajustes que julgava indispensáveis, projetando, enfim, um método que partia da consideração da dialética do local e do mundial, com base na qual encaminhou suas reflexões (ALVES, *Op. cit.*, p. 89).

Esse método tem seu mérito no estabelecimento de uma perfeita relação entre literatura, crítica literária e história. O estudo de biografias e do pensamento de homens de letras e intelectuais brasileiros de diversos períodos podem inclusive caracterizá-lo também como uma obra de história das ideias (SÁNCHEZ, 2015). A posição de Antonio Candido como leitor crítico o fez ter esse enfoque diferente sobre a história literária, “Assim, a *Formação da Literatura Brasileira* soluciona o problema do historiador da literatura, entre objetividade e subjetividade, entrelaçando a valorização do leitor especializado ou crítico literário com a rigorosidade sistêmica do historiador” (SÁNCHEZ, *Op. cit.*, p. 612).

O livro, portanto, não é uma história da literatura nos moldes tradicionais. Nele o autor não busca chegar a um ano, autor ou obra de origem, por isso as críticas quanto ao início da análise a

partir do Arcadismo, pois a intenção é interligar a produção da literatura local com a construção da nação brasileira.

O autor também reconhece as faltas percebidas no livro pelos leitores críticos e por ele mesmo, o que se aplica ao caso da ausência de Machado de Assis no volume dedicado ao Romantismo, a qual se justifica pela razão de “[...] não seccionar uma obra cuja unidade é cada vez mais patente aos estudiosos. Caso o livro alcance uma segunda edição, pensarei em sanar estas e outras lacunas” (CANDIDO, *Op. cit.*, p. 12), lacunas essas que permanecerão, como se verá. Nesse ponto se vê também o reconhecimento do autor de sua pouca capacidade de lidar com o teatro, sendo essa a razão deste estar de fora da *Formação*.

[...] Haja vista a exclusão do teatro, que me pareceu recomendável para coerência do plano, mas importa, em verdade, num empobrecimento, como verifiquei ao cabo da tarefa. [...] Talvez o argumento da coerência tenha sido uma racionalização para justificar, aos meus próprios olhos, a timidez em face dum tipo de crítica – a teatral – que nunca pratiquei e se torna, cada dia mais, especialidade amparada em conhecimentos práticos que não possuo (CANDIDO, *Op. cit.*, p. 12).

As presenças e ausências fazem parte da construção dessa obra, que demorou para ser concluída, não só pela quantidade de trabalhos realizados concomitantemente, mas também pelas particularidades que nela se encontram, a nova forma de abordagem proposta. O autor afirma que se trata de uma obra que não deve ser apresentada como original, pois sua matéria é “ampla e diversa”, já trabalhada por seus antecessores. Entretanto, os dois volumes de uma história da literatura brasileira encomendados pelo editor José de Barros Martins acabaram, ao cabo de dez anos de produção, aparecendo como uma

Formação da Literatura Brasileira, também em dois volumes, mas com uma marca de originalidade ao tratar as letras como algo ainda em processo de construção, por isso em formação.

Quando da publicação da segunda edição, seu prefácio já adiantava logo no primeiro período do texto que nada se havia acrescentado ao texto publicado em 1959 devido à rapidez com a qual a tiragem se esgotou, indicando o impacto que a obra teve logo ao ser lançada. No entanto, o foco da maioria dos críticos, pautado, segundo o próprio Candido, apenas na leitura da introdução, foi a metodologia de trabalho do autor, e essa insistência na questão do método o fez reagir ao escrever o citado prefácio.

Este livro foi recebido normalmente com louvores e censuras. Mas tanto num como noutro caso, o que parece haver interessado realmente aos críticos e noticiaristas foi a ‘Introdução’, pois quase apenas ela foi comentada, favorável ou desfavoravelmente. Esse interesse pelo método talvez seja um sintoma de estarmos, no Brasil, preferindo falar sobre a maneira de fazer crítica, ou traçar panoramas esquemáticos, a fazer efetivamente crítica, revolvendo a intimidade das obras e as circunstâncias que as rodeiam (CANDIDO, *Op. cit.*, p. 15).

Ainda tratando da introdução, dita como apenas “voluntariamente sumária e indicativa”, cuja leitura inclusive pode ser suprimida, se diz:

[...] No Brasil, estamos de tal maneira viciados com introduções pomposas, que não correspondem à realização, que preferi uma apresentação discreta, convidando inclusive o leitor a deixá-la de lado se assim desejasse, para buscar adiante o essencial. Por isso, encarar este livro como uma espécie de vasta teoria da literatura brasileira em dois volumes, à maneira do que fizeram alguns, é passar à margem da contribuição que desejou trazer para o esclarecimento de dois de seus períodos (CANDIDO, *Op. cit.*, p. 15).

Para tentar esclarecer alguns dos equívocos observados por ele nas críticas, passa a explicar no que consiste seu método e o porquê da escolha dos dois períodos que foram estudados. Nesse sentido, afirma não ter dito jamais não ter havido literatura no Brasil antes do século XVIII, mas que foi a partir dele que passou a se configurar como sistema articulado formado a partir do esquema “autor-obra-público”. Este é o pressuposto geral da obra, a partir daí o autor apresenta os demais pressupostos que se relacionam com a escolha dos períodos.

O segundo pressuposto é o de que os dois períodos, *árcade* e *romântico*, são solidários entre si, são unidos por sua vocação histórica “[...] constituindo ambos um largo movimento, depois do qual se pode falar em literatura plenamente constituída, sempre dentro da hipótese do ‘sistema’, acima mencionada” (p. 16), ou seja, a identificação de tudo o que foi produzido com elementos formadores e definidores de autores, obras e um público para as letras brasileiras.

A atitude metodológica configura-se como o terceiro pressuposto e remete totalmente ao segundo, já que, para o estudo da identificação existente entre os períodos, era necessário um método “histórico e estético ao mesmo tempo”, visando apresentar “[...] como certos elementos da formação nacional (dado histórico-social) levam o escritor a escolher e tratar de maneira determinada alguns temas literários (dado estético)” (p. 16). Essa era uma opção de análise já adotada e tida como completamente válida para o crítico, como pode ser lida na citação a seguir, extensa, porém necessária para compreender sua escolha.

[...] É uma posição crítica bastante corriqueira, que eu próprio adotei e desenvolvi teoricamente há muitos anos numa tese universitária. Nela procurei mostrar a inviabilidade da crítica determinista em geral, e mesmo da sociológica, em particular quando se erige em método exclusivo ou predominante;

procurei, ainda, mostrar até que ponto a consideração dos fatores externos (legítima e, conforme o caso, indispensável) só vale quando submetida ao princípio básico de que uma obra é uma entidade autônoma no que tem de especificamente seu. Esta precedência do estético, mesmo em estudos literários de orientação ou natureza histórica, leva a jamais considerar a obra como produto; mas permite analisar a sua função nos processos culturais. É um esforço (falível como os outros) para fazer justiça aos vários fatores atuantes no mundo da literatura (CANDIDO, *Op. cit.*, p. 16).

É, portanto, um método que privilegia a obra literária em sua essência, isto é posto por Candido em vários pontos dos prefácios, como também na introdução. Nenhum estudo será suficientemente válido se desconsiderá-la como valiosa em si mesma, “entidade autônoma”, assim, “o caminho trilhado por Candido reforça e dá relevância ao papel do crítico, que de modo algum fica rebaixado diante de sociólogos, historiadores e filósofos. A obra literária importa porque encerra um verdadeiro campo de problemas, cujo alcance caberá ao crítico, ao leitor, dimensionar” (ALVES, *Op. cit.*, p. 92).

A importância da obra literária é questão que se relaciona diretamente ao quarto pressuposto apresentado que se refere ao papel apresentado pelos períodos. Aqui se busca demonstrar o real valor do Arcadismo para a formação da literatura, rebatendo a ideia amplamente difundida de que este fazia “literatura de empréstimo”.

[...] Parece-me que o Arcadismo foi importante porque plantou de vez a literatura do Ocidente no Brasil, graças aos padrões universais por que se regia, e que permitiram articular a nossa atividade literária com o sistema expressivo da civilização a que pertencemos, e dentro da qual fomos definindo lentamente a nossa originalidade. Note-se que os árcades contribuíram ativamente para essa definição, ao contrário do que se costuma dizer (CANDIDO, *Op. cit.*, p. 17).

Do mesmo modo, dá-se a defesa do Romantismo contra os que consideram sua literatura como alienadora, já que buscavam alimentar o desejo estrangeiro de apresentar o Brasil exótico, deixando para as “velhas literaturas” os debates acerca de problemáticas mais profundas. Aqui o autor chega ao quinto pressuposto do livro, o de apresentar a literatura brasileira como interessada, não no sentido de assumir uma posição social ou ideológica, mas no de que está voltada para a construção de uma cultura válida para o país, já que “Quem escreve, contribui e se inscreve num processo de elaboração nacional” (p. 17).

Com a explicação dos pressupostos, o autor conclui ter diminuído os equívocos apresentados por seus leitores com relação ao seu método de construção da obra, uma explicação longa, um “Rodeio espichado”, mas que se fazia necessário, já que ao contrário do que pensou não foi percebido no decorrer do livro, o que provocou opiniões favoráveis e contrárias, as quais são motivo de agradecimento, exceto a dois ou três leitores que “manifestaram má vontade injuriosa”. Quem? Pesquisas posteriores podem indicar, ou não!

No prefácio da sexta edição a preocupação é com a passagem do tempo. Candido aconselha uma revisão ampla, sobretudo na parte informativa, devido à gama de estudos acerca do tema que surgiram ao longo de quase três décadas. Após um longo período sem contato com sua obra, o autor reconhece pontos de exagero e sentimentalismo, mas ainda a considera longe de uma “refusão completa”, já que foi “[...] feito para servir durante o tempo em que tiverem validade as informações e concepções sobre as quais se baseia” (p. 19).

O que se percebe é que por meio de suas várias edições, 16 até o momento da escrita deste texto, é que poucas foram as mudanças, tanto na forma, como no conteúdo. Sempre publicada em dois volumes, algumas vezes reunidos em um só tomo, apenas há alguns

anos a obra foi reunida em um volume único pela Editora Ouro sobre Azul, pertencente a uma das filhas de Antonio Candido, com as informações bibliográficas, antes divididas por volume, reunidas no final do livro.

A grande percepção inequívoca é que, mesmo após 60 anos de seu aparecimento, *Formação da Literatura Brasileira* continua sendo uma obra indispensável para os que se arriscam no seio da história e crítica literárias. Os diversos estudos acerca do livro e da metodologia inovadora de Antonio Candido realizados até hoje garantem sua permanência e importância. É relevante também analisá-la em todos os seus aspectos, observar as reverberações de sua escrita e de suas leituras, reconhecer que a obra tem estados plurais, “[...] discernidos em suas diferentes edições ou mesmo em diferentes cópias da mesma edição e nos múltiplos significados que tal instabilidade atribuía ao trabalho” (CHARTIER, 2014, p. 274).

As reverberações da obra têm seu foco no leitor. Ele é que lhe dará seus múltiplos significados, por isso sem ele o sistema literário não existe. Sem público, que é da literatura? O autor da *Formação* defendeu por toda a vida o direito à literatura, que nada mais é que o direito ao conhecimento sobre as diversas interpretações e visões de Brasil atingido através do acesso à leitura.

Ao reconhecer que o processo formativo logrou construir, mal ou bem, um campo literário à luz do qual o leitor, isto é, o cidadão que desfruta do privilégio da leitura (uma marca de classe), pode se servir para entender do que é feita sua vida, sua história, mediante a leitura de romances e de poemas em sua totalidade medianos, Candido sabia perfeitamente que a imensa maioria da população ou não entrava no cálculo, ou só entrava de banda, como coadjuvante longínquo. Ora, explicar tudo isso não é pouca coisa (ALVES, *Op. cit.*, p. 99).

Defender o acesso à leitura para que o povo deixe de ser coadjuvante é defender também aqueles autores que, diante de obstáculos vários, conseguiram construir uma literatura brasileira e estabelecer uma identidade literária para a nação. É esse sentimento de defesa e, acima de tudo, valorização desses autores, que se percebe quando da leitura das observações de Antonio Candido acerca de sua obra presentes nos seus prefácios. Ao rebater as críticas e defender seu método, ele acentua ainda mais a importância dos formadores da literatura no Brasil.

Referências

ALVES, Luis Alberto Nogueira. Sobre a Formação da Literatura Brasileira. *In: O eixo e a roda*. v. 20, n. 1. Belo Horizonte, p. 87-102, 2011.

BARTHES, Roland. **O grau zero da escritura**. São Paulo: Cultrix, 1986.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. - São Paulo: Companhia das letras, 1996.

CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos**. v. 1. 6. Ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia LTDA, 2000.

CHARTIER, Roger. **A mão do autor e a mente do editor**. São Paulo: Unesp, 2014.

CUNHA, Diogo. O campo intelectual no Brasil nas décadas de 1960 e 1970: a “estrutura cultural conservadora”, as universidades e as esquerdas. *In: História Unicap*, v. 3, n. 5, p. 100-120, jan./jun. de 2016.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FAUSTO, Boris. **História Concisa do Brasil**. 3. ed. 1. reimpr. São Paulo: Edusp, 2018.

GENETTE, Gerard. **Palimpsestos**: a literatura de segunda mão. Extratos traduzidos por Luciene Guimarães e Maria Antonia Ramos Coutinho. Belo Horizonte: Edufmg, 2006. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/site/publicacoes/download/palimpsestosmono-site.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2012.

GRAMSCI, Antônio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

OLIVEIRA, Fábio Ruela de. Antonio Candido: uma história de luta em defesa da universidade pública e dos trabalhadores. *In*: **Universidade e Sociedade**. ANDES-SN, junho de 2018. Disponível em: <http://portal.andes.org.br/imprensa/publicacoes/imp-pub-1411919053.pdf>. Acesso em: 06 fev. 2020.

PRADO, Maria Emilia. Os intelectuais e a eterna busca pela modernização do Brasil: o significado do projeto nacional-desenvolvimentista das décadas de 1950-60. **Historia Actual Online** HAOL, Núm. 15 (Invierno, 2008), p. 19-27.

SÁNCHEZ, Yuly Paola Martínez. Formação da literatura brasileira: o pensamento dialético de Antonio Candido. *In*: **Letrônica**. Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS. Porto Alegre, v. 8, n. 2, p. 608-617, jul.-dez. 2015.

SIRINELLI, Jean-François. Os Intelectuais. *In*: RÉMOND, René. **Por uma história política**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.



Este livro foi composto em fonte Adobe Garamond Pro, impresso no formato 15 x 22 cm em pólen 80 g/m², com 258 páginas e em e-book formato pdf.
Impressão e acabamento: Gráfica Bueno Teixeira
outubro de 2021.

**Saiba como adquirir o livro
completo no site da SertãoCult**

www.editorasertaocult.com

Editora

**SER
TÃO
CULT**

Em defesa do livro livre! Esse o mote de entrada para começar esta prosa, assinalando em maiúscula e com a letra encarnada o que-fazer do Núcleo Antonio Candido de Estudos Literatura e Sociedade, na Universidade Federal do Ceará, espreado-se para fora do limite da burocracia institucional e das exigências da ideologia do produtivismo. Se Irenísia Torres e Ana Amélia Cavalcante são suas principais animadoras, fazem-no com a camaradagem de pendor socialista acolhendo sem assimetrias aos estudantes, colegas professores e pesquisadores de distintas áreas do conhecimento. Esta publicação, ao modo de Colefânea de estudos e pesquisas, é uma sementeira do citado Núcleo. Um Tributo a Antonio Candido é também como se pode ler este livro. Nos diversos capítulos, vamos encontrar fulgurações de seu pensamento, não como uma interessada e certificadora referência, mas como um luminoso ponto de partida ou de indagação no novelo das pesquisas. O que é certo é que a leitura anotada à margem, dialogada em sala de aula ou como fruição e partilha do pensamento, motivaram os estudos donde partiu a anotação, a pergunta, a dúvida, o diálogo frutuoso.

